

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO—*Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3030 réis	N.º 53	Toda a correspondencia deve ser dirigida à rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa.
Provincias e illas: trimestre ou 6 numeros... 3200 "		Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 "		
Numero avulso... 3040 "		

## PORTUGAL AFRICANO

### I

De quando em quando o titulo que encima este artigo agita as opiniões, faz fallar a imprensa estrangeira e a nacional, desperta varios interesses, e suscita considerações de toda a ordem, sendo quasi sempre a Inglaterra que determina o movimento.

E a proposito de Inglaterra, convem distinguir entre o elemento mercantilista, interessado e tantas vezes selvagem, que inspira muitos dos seus actos como nação, e as qualidades realmente grandes e superiores que apesar de tudo a distinguem, não se podendo por isso dizer d'ella, só mal, em absoluto.

Todavia é bom lembrarmos que pessoalmente não sympathisámos, nunca sympathisámos, com a conducta politica d'essa grande nação para conosco.

Em geral na sua secular alliança com este pobre e desgovernado paiz, não se pôde dizer que o potentado britannico haja sido sempre de uma lisura e de uma lealdade exemplares; e por um ou outro serviço que porventura nos haja prestado, bastantes vezes nos tem feito ver bem duramente quão fallazes e quão contraproducentes são de ordinario as ligações dos grandes com os pequenos...

É sempre a velha fabula da partilha do leão, e nem ha que admirar que seja assim.

Olhem, por exemplo, o caso sujeito.

De um lado está um paiz rico de seiva, de energia, de trabalho, transbordante de uma população vigorosa e fresca, cheia de ambições e cheia de qualidades, com multiplices e complexas aptidões para lutar e para vencer, e do outro uma nação depauperada e encanecida, com poucos braços e grande numero d'elles ignorantes ou apathicos, com uma lamentavel falta de cohesão e de convicções, sem um forte e alto ideal que a fortaleça e a guie, commovendo-se mais com a intriga politica que com os serios e solidos interesses patrioticos, e sobretudo —doença perigosa— pensando mais no passado que no presente e no futuro, vivendo mais das recordações gloriosas do que fizeram os heroes de outros tempos, do que das verdades de natureza pratica e utilitaria que convinha realisar quanto antes...

Ora, desde que isto é em geral assim, e o verdadeiro patriotismo não pôde negar que o seja, é claro

que postos em contacto estes dois elementos, um quasi estagnado, outro quasi electrico, o resultado não pôde por via de regra deixar de ser fatal.

Por isso de quando em quando um movimento mais impaciente de expansão por parte da corrente ingleza, determina um retrahimento ou um choque do lado da corrente portugueza.

Vista a frio a questão que a miudo se renova está simplesmente n'isto.

Olhada por outros aspectos ella é, porém, mais complexa e mais momentosa.

Temos de um lado a raça anglo-saxonia, querendo tomar á força o seu lugar em terrenos que embora não lhe pertencendo nem de direito nem de facto lhe são precisos para seu commercio, para a sua actividade e para o seu dominio, e que para ella representam como que um derivativo á plethora de que sofre; temos do outro a raça portugueza, rareada e fraca, sem diques sufficientes para conter essa invasão, soffrendo ella, não de plethora mas de anemia, e não podendo nem sabendo utilizar em seu proveito as forças contrarias e dispersivas que procuram suprimil-a.

E ahi está o conflicto.

Ostensivamente os que nós chamámos em estylo diplomatico nossos fieis alliados, cohonestam este conflicto, chamando-lhe o combate da civilisação, que com uma vaidade ás vezes em demasia comica dizem representar; no intimo, porém, elles preocupam-se pouco com a citada civilisação, e interessam-se de preferencia por outra ordem de principios mais praticos e mais lucrativos.

No fundo até desprezam consideravelmente o negro, e preocupam-se tanto com o seu bem estar como com a sorte de qualquer gallo dos seus combates; e cremos piamente que se ha alguém que elles desprezem mais do que um preto, esse alguém é um branco... portuguez.

Bem entendido que fallámos passando-se a acção na Africa, e que generalisámos.

\* \* \*

Ora succede que ha uns tempos a esta parte Portugal pensou em mandar para a Africa alguma cousa mais do que degredados; d'ahi os protestos britannicos.

É claro que em Inglaterra sabe-se que da nossa parte não poderia haver a louca pretensão de competir com ella, quanto á riqueza da sua iniciativa, como igualmente não deverá desconhecer-se que, se fossem serios e desinteressados os propósitos dos seus cidadãos em promover o progresso da Africa e a morigeração e o adiantamento do preto no ponto de vista generoso e impessoal da pura sciencia e da verdadeira civilização, nós, nação cavalheirosa por excellencia, não só lhes não negariamos o nosso concurso, mas até lhes facilitaríamos essa por mais de um titulo sympathica tarefa.

Mas não é isso que a Inglaterra, que os inglezes querem, e ao que elles visam é a proclamarem-se senhores absolutos e incontestados dos territorios que lhes appetecerem e de que precisarem.

Se forem forçados—e hão de sel-o—a reconhecer que uma parte ao menos d'esses territorios são nossos, nem por isso perderão a sua idéa fixa—e limitar-se-hão a esperar. E como a grande massa atraher sempre a mais pequena, estão convencidos que acabarão por attrahir-nos ou—o que vem a dar na mesma—por subtrahir-nos.

Posto isto, e dados os prodigiosos meios de combate de que tal nação dispõe, poderemos nós lutar?

Os entendidos que o digam; em todo o caso não será simplesmente limitando-nos a verberar, em estylo mais ou menos inflammado em santo patriotismo, as extorsões de que fomos victimas; não será investindo a Inglaterra, que, mesmo apesar dos muitos defeitos que possui aos nossos olhos de latinos tem tambem ao mesmo tempo incontestaveis e fundamentaes virtudes; não será *politizando* apenas e negando o auxilio effectivo e real ás medidas de diversa ordem com que poderá contrapor-se e neutralisar-se em parte a influencia da corrente contraria, que nós haveremos de sair vencedores d'este prelio, que a miude se repete entre vizinhos tão antinomicos e tão pouco feitos para se entenderem.

A chamada esphera de influencia e de penetração, os pretendidos direitos da civilização do negro, a cruzada anti-esclavagista, e tantas outras formulas com que hoje os nossos pseudo-alliados procuram cohenstar a sua necessidade de expansão e de dominio, força insita que os move e determina, devem ser para nós outras tantas prevenções bem visiveis e bem eloquentes, não para só nos indignarmos, o que se, em determinados casos, é bom, e pôde até mesmo ser preciso, acabaria por tornar-nos ridiculos e falsos—mas para extrahirmos das cousas o ensinamento que ellas contêm, para imitarmos ou procurarmos imitar nos nossos limitados meios de acção as medidas que outros põem em pratica; para procurar por uma alienação bem entendida e patriótica de tractos que não possamos arrotar, e a criação de nucleos de população que sabiamente façamos convergir para dados pontos; para pela diffusão de obras publicas, e por todo um conjunto de actos serios, reflectidos e efficazes, fazer n'um futuro mais ou menos remoto, mas em todo o caso não tão remoto que antes d'elle chegar tenhamos de todo desaparecido;—fazer, dizemos, uma verdade palpavel, esse paiz, desdobramento do nosso e em que tanto fallámos—para fazer, emfim, a serio e de vez, um Portugal africano.

AFONSO VARGAS.

## UMA RARIDADE BIBLIOGRAPHICA

Por diversas vezes se tem asseverado que a Bibliotheca Nacional de Lisboa encerra avultado numero de preciosidades bibliographicas.

Que esta affirmacão é perfeitamente exacta, provam-no o interessantissimo *Relatorio* dirigido ao governo, em 1844, por José Feliciano de Castilho, que então era Bibliothecario-Mór, e as especies de primeira raridade que os trabalhos de catalogação têm ido pouco a pouco revelando.

Entre estas, conta-se o *Elogio de Coimbra*, composto em versos latinos por Ignacio de Moraes, lente distinctissimo de poesia em a nossa Universidade, no tempo de D. João III.

E um folheto de vinte paginas, no formato que geralmente se designa pela expressão *in-4.º* No frontispicio, guarnecido por um filete simples, tem o seguinte:

### CONIMBRICÆ ENCOMIÛ

*Ab Ignatio Morali*

Editum

(Segue-se o brazão de Coimbra, gravado em madeira, e tendo por assignatura um monogramma formado pelas litteras H e B, através das quaes não conseguimos descrever o nome do gravador.)

### CONIMBRICÆ.

*Apud Ioannem Barrerium Typographum*

Regium

M. D. LIII.

A terceira pagina contém uma dedicatória a D. Antonio, filho do infante D. Luiz.

O *Elogio de Coimbra* começa no alto da quarta pagina, que não é numerada, principiando na seguinte a paginação, pelo algarismo 5. Nesta quinta pagina se encontra igualmente a primeira assignatura:—*A iij*. A paginação tem dois erros typographicos evidentes:—A decima terceira pagina está numerada com o algarismo 9, e na decima sexta lê-se 12.

O typo empregado é aldino, exceptuadas a dedicatória, as notas marginaes, e a rubrica de que adiante fallaremos, que são em caracteres redondos, quasi iguaes a elzevirianos de hoje.

Na ultima pagina, completa-se o *Conimbricæ Encomium*, e, precedidos da rubrica *Idè Ignatius Moralis ad Conimbricã*, ha mais dez versos, igualmente latinos.

O sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro,— que possui um exemplar d'esta rarissima especie, e que em 1887 a reimprimiu, antecedida de um erudito prologo<sup>1</sup>,— escreve o seguinte, (a pag. 5 e 6

<sup>1</sup> *Elogio de Coimbra em versos latinos por Ignacio de Moraes, professor na Universidade no seculo XVI*.— Segunda edição, com um prologo por Augusto Mendes Simões de Castro.— Coimbra; Imprensa da Universidade; 1887; folheto in-4.º, com um *fac-simile* do frontispicio da primeira edição, executado na Imprensa Nacional de Lisboa, em 1882.

d'essa nova edição), com referencia ao *Elogio de Coimbra*:

«Nesta composição, em versos de notavel correção e elegancia, matizados de amena poesia e solida erudição, lê-se com interesse a historia, embora fabulosa, da cidade de Coimbra, breves descrições dos seus monumentos, dos seus mais notaveis edificios e dos logares mais celebrados das suas pittorescas e bellas cercanias. E um curioso elucidario do que era a cidade de Coimbra em meiado do seculo xvi.»

Vê-se, portanto, que o folheto de que tratámos não é simplesmente raro. E tambem interessante. Por isso o reimprimiu o sr. dr. Simões de Castro, e por isso nos determinámos a publicar esta noticia.

O exemplar por nós estudado pertence, como dissemos, á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde se encontra na secção de *Reservados*. JOSÉ PESSANHA.

### A CATASTROPHE DE SAINT-ETIENNE

Ha poucos mezes transmittiu-nos o telegrapho, no seu costumeo laconismo, a terrivel noticia de uma explosão de *grisou* nas minas hulhiferas de Saint-Etienne, dizendo que se calculava em cerca de duzentos o numero de trabalhadores que deveriam ter perecido.

Noticias posteriores, ampliando as informações recebidas, elevaram essa cifra mortuaria a duzentos e oito, trouxeram tristes pormenores da horrivel catastrophe, e os jornaes descreveram com sombrias cores as angustias dolorosas e as scenas de desolação que se deram nas proximidades do poço de Pervilleux, onde teve logar a tremenda hecatombe.

Este terrivel desastre sobressaltou por um momento o coração da França, que, voluvel como é, se emociona facilmente; mas a dolorosa impressão foi passageira, e hoje, decorridos apenas alguns mezes, quem se recorda já d'esses miseraveis mineiros, que a final apenas pagaram com a vida o seu tributo á industria?

A França exultava. Paris estava em festa. De toda a parte chegavam forasteiros para visitar a grandiosa exposição do Campo de Marte, e assistir aos deslumbrantes festejos do 14 de julho. Não sobrava, pois, tempo para prantear os mortos. Não é *chic* vestir crepes quando se esperam hospedes, nem é do bom tom receber visitas com os olhos marejados de lagrimas.

Alem d'isso, os que morreram eram tão humildes, tão insignificantes, trabalhavam tão occultos nas entranhas da terra, que mal poderia ser apercebida a sua falta.

Se elles fossem mais alguma cousa do que simples mineiros; se elles pertencessem, já não digo á nobreza, mas ao menos á burocracia, ainda se justificariam os crepes e as lagrimas.

Cruel irrisão da sorte!

Mas podemos nós porventura accusar a França de egoista, porque, envolta no turbilhão dos prazeres, desvaivada pelo esplendido e extraordinario exito da exposição de Paris, olvidou os pobres mineiros de Saint-Etienne?

Não, estas distincções sociaes, infelizmente, predominam em toda a parte.

Estremece horrorisada a Austria ao saber da tremenda catastrophe do *Ring Theater*. A França, e em especial a população de Paris, mal pôde conciliar o somno durante os oito dias que se seguem ao pavoroso incendio da Opera Comica. Portugal, por seu turno, solta as mais cruciantes lamentações em presença dos cadaveres carbonisados das victimas do Baquet.

A consternação apodera-se dos animos. O panico sobe ao maior auge. Todos á porfia criticam a falta de segurança dos theatros e salas de espectáculo. Pedem-se providencias energicas. De toda a parte chovem alvites mais ou menos sensatos. As auctoridades, impellidas pelos clamores da opinião publica, perdem a cabeça, e levam ao exagero as medidas preventivas, que chegam por vezes a tocar as raiaes do disparate e do absurdo, e que obrigam as emprezas theatraes a pesados sacrificios.

Mas não é tudo. É preciso acudir ás familias das victimas, e aos que escaparam mais ou menos estropiados. Invoca-se para elles a caridade, e as bolsas abrem-se espontaneamente. Todos querem concorrer com o seu obulo para mitigar tão grandes desgraças, e as subscrições sobem a avultadas sommas.

E tudo isto se faz em favor dos que, mais favorecidos dos bens da fortuna, vão ao theatro gosar as distracções do espectáculo ou apenas dormir, indolentemente repimpados n'algum *fauteuil*.

O que se faz, porém, quando as victimas são simples operarios ou trabalhadores? Quando em vez de morrerem n'um salão de espectáculo têm o mau gosto de se deixarem cair de um andaime, de ficarem soterrados debaixo de alguma pedreira, ou de se deixarem colher pelo volante de uma machina?

Nada, ou quasi nada!

E, comtudo, quanto mais digno não é de lastima e compaixão o pobre operario que morre de um desastre no seu posto de honra, quando com o suor do seu rosto se empenhava em ganhar o pão para sua mulher e filhos?!

Estranho contraste! Mas a sociedade é assim formada; tem d'estas anomalias, e em toda a parte apresenta estas revoltantes injustiças.

Pobres mineiros de Saint-Etienne!

Nunca podémos saber que meios o governo francez empregou para evitar de futuro tão lamentaveis desgraças, mas cremos que nenhuns. Quanto ao que o publico fez em favor das familias d'esses infelizes, sabemos apenas que se abriram algumas subscrições em diversos pontos do paiz; mas iriamos apostar, que essas subscrições nunca chegaram a attingir sequer a decima parte do que produziram as que se fizeram quando teve logar o incendio da Opera Comica. Que admira? O scenario foi diferente, os actores foram outros, e se apresentou alguma similhança, essa consistiu apenas no horroroso desenlace da tragedia.

P. FREITAS.

Como os animaes são amigos agradaveis! Nunca nos fazem perguntas indiscretas nem observações incommodas.

GEORGE ELLIOT

## EVOCAÇÃO

(25 de Dezembro)

## I

Um dia um pobresito esfarrapado  
Foi-se acolher, gemendo, n'um portal,  
Lá dentro, n'um bom riso descuidado,  
Comemoravam ledos o Natal...

Havia festa, havia amor e vida,  
E elle era só a tiritar ali,  
Mas de repente eis que uma voz sentida  
Suave e carinhosa lhe sorri...

Então o desgraçado, que um momento  
Chegára a descreer já, qu'endo morrer,  
Reviveu para a luz, cobrou alento,  
E alegremente começou a CRER...

## II

N'uma outra data igual, um descontento  
Que em vão procura o sol do seu Destino,  
Pensou em acolher-se á luz ridente  
Que vem d'um certo olhar meigo e divino...

Não diz a Lenda se este foi feliz,  
Se ouviu tambem alguma voz piedosa;  
Mas, se o não foi, o que ella ao menos diz  
É que elle crê n'essa Visão radiosa...

Venha breve o Destino, em vão chamado,  
Realisar-lhe a dulcida illusão,  
Encontre elle o portal entresnhado  
Onde possa acolher o Coração...

LUCIOL.

## BIBLIOGRAPHIA DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNOS DE 1886-1887

(Coimbra, 1888-1889, 2 vol. 8.º)

Quantos déveras amam ou cultivam as letras conhecem a exactidão e primor com que o sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque, escriptor conceituoso e justamente apreciado, tem proseguido regularmente a interessante publicação, cujo titulo precede esta singela noticia, por igual devida á sua illustrada iniciativa, e que já vae no 16.º anno.

Os volumes que temos presentes, e nos foram amavelmente offerecidos pelo sr. Albuquerque, constante e desvelado protector da nossa modesta *Revista*, abrangem 178 obras de diversos generos, impressas na excellente typographia universitaria; e em verdade não se nos afiguram menos curiosos e repletos de esclarecimentos bio-bibliographicos que os anteriores.

Não recommendámos, recommenda-se por si mesma a obra do sr. Seabra de Albuquerque: de feito, a collecção de *bibliographias* da Imprensa da nossa antiga universidade, constitue, sem o minimo favor, um peculio preciosissimo de informações e noticias, colligidas com o mais louvavel escrupulo e imparcialidade, tornando-se a sua consulta, sobre proveitosa e amena sempre, necessaria, indispensavel mesmo, como elemento de estudo, mórmente para os que pretendam ou pretenderem escrever a historia, ou, conhecer, pelo menos, o nosso movimento litterario no ultimo quartel do presente seculo.

Felicitando sinceramente o sr. Seabra de Albuquerque, fazemos votos por que s. ex.<sup>a</sup> possa perseverar por longos annos no nobilissimo empenho, ampliando e aperfeçoando, se é possível, o seu trabalho em os subsequentes volumes. F. PEREIRA E SOUSA.

## O PAPEL

É possível, que não ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha, que não seja ladrão marcado? Terrível flagello do mundo foi sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome de papel foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *papyrus*; porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio; depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos; ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usámos. De maneira que, se bem advertimos, foi o papel desde seus principios materia de escrever, e invenção de esfoliar; com o primeiro papel as arvores, com o segundo os animaes, com o de hoje esfolam-se os homens. Oh! quanto papel poderá encadernar as pelles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto em papel, ou se gasta tanto em papeis.

O mais bem achado tributo, que inventou a necessidade ou a cubiça, é para mim o do papel sellado; mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagassem o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios.

P.º ANTONIO VIEIRA.

## FORTALEZA DE SOFALLA

Vae em 385 annos, a 18 de maio de 1505, partiu de Lisboa Pero d'Anhaya, capitaneando uma esquadriha de seis navios, com destino á costa oriental da Africa<sup>1</sup>.

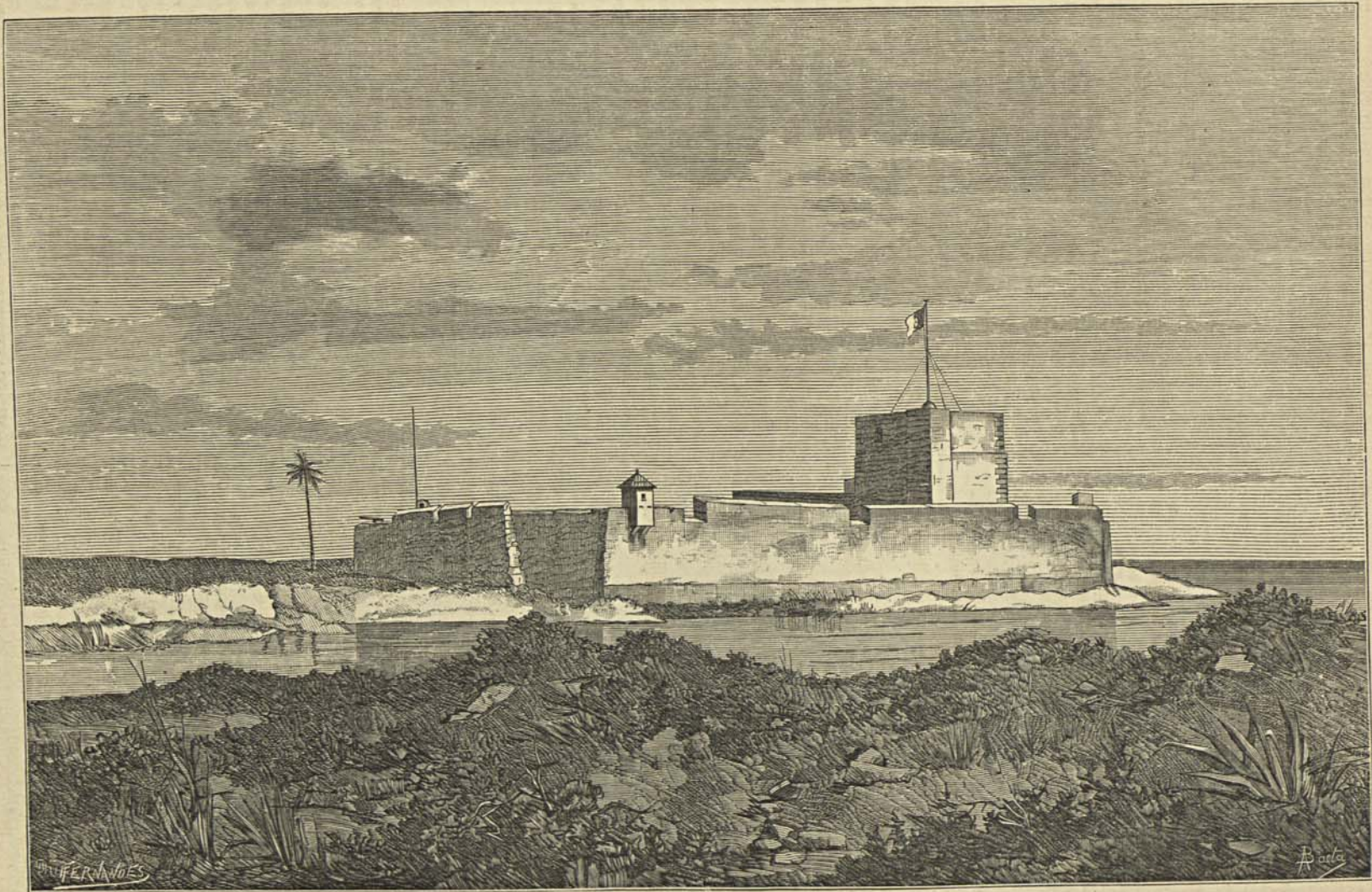
Em 4 de setembro do mesmo anno chegava o intrepido navegador a Sofalla, região de grande feracidade, e que havia fama de encerrar em seu seio ricos jazigos de metaes preciosos.

Emprehendedor e intelligente, Pero d'Anhaya procurou captar as boas graças e amizade do xeque ou regulo d'aquelle paiz, e por tal forma se houve que obteve d'elle, sem difficuldade de especie alguma, licença para levantar fortaleza na boca do rio. Em 21 do dito mez começou a obra da tranqueira, e com tão boa vontade e diligencia proseguiram os trabalhos, que em fins de novembro se dava por concluida.

Acaso arrependidos das boas disposições com que nos haviam recebido, accometteram os cafres a provisoria, mas solidida fortificação em 1506; foram, porém, repellidos e severamente escarmentados com o auxilio de alguns mouros aliados sob o commando de um tal Yacote.

Em seguida, os nossos, para se desafrontarem e restabelecer o abalado prestigio, deram sobre o zimbaó do regulo, desbaratando-o completamente; e aprisionado o chefe indigena, o feitor Manuel Fernandes, que dirigira a expedição,

<sup>1</sup> Bordalo, *Ensayos sobre a estatística na Africa occidental e oriental, na Asia occidental, na China e na Oceania, começados a escrever por José Joaquim Lopes de Lima, etc. Parte iv. Moçambique*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, 8.º gr.



FORTALEZA DE SOFALLA

mandou-o degolar, e enviou a cabeça para a fortaleza, ficando-se por este modo as terras sobre que exercera auctoriade.

Depois da assignalada e sangrenta victoria falleceu Pero d'Anhaya, succedendo-lhe na governança o citado feitor, o qual fez construir dentro do recinto a chamada torre de menagem, que ainda hoje existe.

No fim de 1566 foi Manuel Fernandes rendido por Nuno Vaz Pereira, que veio de Goa nomeado capitão interino pelo vice-rei da India, trazendo por feitor Ruy Brito Patalim, que, de resto, viveu apenas o tempo indispensavel para concluir a obra da referida torre.

Foi, portanto, Sofalla, cabeça do antigo reinicolo do mesmo nome, o primeiro estabelecimento regular que possuimos na Africa oriental, sendo por muito tempo a capital de toda a colonia, que hoje chamamos provincia de Moçambique.

Sofalla, que foi elevada á categoria de villa em 1763, está situada em 20° 11' latitude S. e 40° 44' de longitude a leste de Lisboa. A villa divide-se em dois bairros, que ficam proximos; um habitado por mouros, e o outro em que reside o governador do districto e os funcionarios e pessoas mais gradas. Em ambos os bairros, as casas, na sua grande maioria, são de adobe com os tectos de macuta ou folhas de palmeira, o que de certo as não recommenda pelas condições hygienicas.

Sente-se na villa muita falta de agua potavel, sendo a que fornecem dois poços, que alli ha, crua e salobra. Quando o inverno corre muito secco tem de se ir buscar ao sitio de Pelangane.

Forma Sofalla uma freguezia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, em cuja igreja, em soffrivel estado de conservação, se encontra uma lapide, que foi trasladada da capella da fortaleza, com a seguinte inscripção:

«Aqui jaz Simão de Miranda de Azevedo, fidalgo da casa de el-rei Nosso Senhor, quarto governador que foi de Sofalla e Moçambique, o qual falleceu aos 29 dias do mez de dezembro do anno de 1515, e foi trasladada a sua ossada para Portugal no anno de 1517.»

A nossa estampa, cuja execução affirma os bons creditos do habil e modesto gravador da Imprensa Nacional, sr. Philippe Fernandes, representa a velha fortaleza de Sofalla, sendo-nos offerecido o respectivo desenho pelo sr. conselheiro Augusto de Castilho, distinctissimo official da armada, e ex-governador geral da provincia de Moçambique, onde prestou relevantes serviços. Também devemos á obsequiosa amabilidade de e. s. ex.ª a interessante nota, que abaixo transcreveremos, e é extractada da sua interessante obra *Viagem da canhoneira Rio Lima*, illustrada de excellentes cartas e planos, em proxima publicação.

«A fortaleza de Sofalla, que é a mais antiga de todas as da provincia, é só inferior em importancia á de S. Sebastião de Moçambique, e está ainda em regular estado de conservação, apesar das injurias do tempo e das maiores injurias dos homens. Carece, todavia, de algumas reparações indispensaveis e algumas urgentes, taes como: renovação dos madeiramentos de quasi todas as coberturas do terraço das casas que a cercam por dentro, e sobre as quaes assentam as baterias; reconstrucção de dois baluartes que olham a NO. e SO. e que parecem ter sido demolidos de proposito, pois que os alicerces mostram estar magnificos; reconstrucção de uma sala contigua á secretaria, e que serve hoje de terraço descoberto; appropriação de um quarto do pavimento inferior para capella, onde se arrecade condignamente uma veneravel e antiquissima imagem de S. Caetano, orago da fortaleza; reparação no carretame e palamento da artilheria, e substituição de algumas peças, quasi de todo inúteis, por outras boas.

«Ha ainda outros arranjos, que o bom gosto recommenda, e que o respeito pelos monumentos historicos exige. São d'esse numero a limpeza de todas as cantarias lavradas, que estão hoje quasi sob uma espessa e estúpida camada de cal, como succede ás armas portuguezas sobre a porta da entrada; a desobstrucção de outras cantarias, que estão mesmo escondidas debaixo de paredes de alvenaria, como se vê ainda em uma formosa arcaria manuelina junto á casa da guarda da porta; a reconstrucção de ameias no alto da torre de menagem no genero das que existem no terraço das baterias baixas da torre de S. Vicente de Belem, etc. . . .»

Cercada de terrenos baixos e sujeitos a frequentes inundações, a situação de Sofalla é de ha muito considerada como desfavoravel, sob varios aspectos, embora muitos aportiem em reputar aquelle ponto um dos menos doentios da provincia.

Impõe-se como uma necessidade urgente a mudança da sede do districto, e indica-se para o fim indicado o logar de Ma-

nhé-Mocure, distante uns 1:500 metros a NO. da fortaleza, e onde, por ser bastante alto, povoado de frondosas arvores e sobre o porto, parece, de feito, conveniente que se construa a nova villa de Sofalla.

Muito é para desejar, que a transferencia se realice quanto antes e nas melhores condições. Mas o que, sobretudo, cumpre, é que, attendidos os justos reparos e judiciosos alvires do sr. Castilho, a fortaleza levantada no seculo XVI por Pero d'Anhaya e Manuel Fernandes, se conserve a todo o custo como um dos mais notaveis padrones da prioridade da nossa posse e pleno dominio na Africa oriental.

F. PÉDREIRA E SOUSA.

## O CLAUSTRO DOS JERONYMOS

Dissemos já que a ala do claustro que fica em face da porta que communica para fóra do edificio era como que a entrada na historia das nossas descobertas. É e certo.

O maior numero de recordações historicas condensas-se ahi.

Logo sobre a porta que acabámos de transpôr se nos depara, dentro de um florão de alto relevo, uma cabeça pertencente á raça negra.

Representa, indubitavelmente, o principe africano que D. Vasco da Gama trouxe de Melinde a D. Manuel, e, considerada por sua vez como symbolo, evidentemente representará, tambem, o desenvolvimento do nosso dominio em Africa, notavelmente acrescentado depois que o famoso navegador, no seu caminho para a India, tornou conhecida a costa oriental d'esse mysterioso continente.

É e de notar uma cousa: o singular contraste entre a recepção que encontrou na côrte de D. Manuel esse africano trazido por D. Vasco da Gama; e a sorte tristissima que depois tiveram os milhões d'elles que foram arrastados d'essas plagas pelo trafico ignobil da escravatura!

Aquelle foi honrado e estimado na côrte do rei Venturoso como um verdadeiro principe; ao passo que outros seus irmãos, acorrentados como feras, azurragados como cães pelo latego dos maioraes, foram arrebatados violentamente aos seus patrios serões, para irem regar com o seu sangue e o seu suor as glebas ubertosas do Novo Mundo, avergados ignominiosamente ao chicote deshumano do despotico negroiro!

É volvidos tantos annos ainda esse horrido trafico se não considera completamente extincto! Quanto pôde o egoismo e a perversidade humana!

Continuemos, porém.

Abaixo do florão a que nos referimos, e como servindo de ornamentação da porta, vê-se uma escultura ahi modernamente collocada.

Antes de tudo é necessario que digamos que este monumento, como em geral todos os outros, não foi isento de vandalismos.

Em varios pontos do claustro se vê o traço indelevel da mão ignorante ou perversa, que, substituindo as bellezas d'aquella incomparavel escultura por grosseiros e extravagantes ornatos, lhe maculou torpemente a pureza, que não comprehendu.

Não nos referimos, é claro, ás differenças de gosto architectonico que se notam em duas das alas do claustro superior, e na cimalha que corôa interiormente toda a construcção.

Esses trabalhos, realizados já em epocha muito posterior, resentem-se da tendencia architectonica d'essa epocha, e isso é natural.

Tambem a capella mór, e uma das capellas do cruzeiro, estão feitas em estylo classico, cujos traços geraes, lisos e esquadriados, contrastam notavelmente com o phantasiado e pittoresco cinzelado de todo o resto da fabrica, e comtudo ninguem nota n'essa circumstancia um defeito flagrante e compromettedor da belleza do monumento.

Outros monumentos ha em que é exactamente pelos diferentes estylos de suas reconstrucções e reparos que se pôde julgar um pouco da sua historia e das diferentes applicações que lhes deram no decorrer dos seculos.

Mas não é d'isso que fallámos, referimo-nos, como dissemos, a uns ornatos extravagantes e desgeitosos que aqui e alem apparecem entalhados pelos pilares dos claustros, e que os desfeiam de um modo detestavel.

Um d'esses pedaços de esculptura tem uma alta significação historica, e ha de merecer-nos, mais alem, detidas considerações.

Os outros, porventura grosseiros remendos applicados a tapar bocados corroidos pelo tempo, nada mais significam senão o mau gosto dos reverendos freires, que durante tantos annos se refastelaram nediós e adiposos pelos assentos d'aquellas soberbas arcadas.

Quem sabe mesmo se a idéa de substituir ornatos antigos, menos do agrado dos freires, seria a causa determinante d'essa abominavel enxertia!

O que é certo é que aos reverendos jeronymos parece não ter merecido consideração alguma a belleza d'aquelle monumento.

Portas abertas a esmo pelas paredes do claustro; o centro d'este occupado por um lago monstruoso, porventura recreio aquatico dos reverendos; a mutilação da porta principal da egreja, todas estas obras provam claramente o que asseverámos: o gosto pervertido dos antigos habitadores d'essa mansão historica.

O lago, esse destruiu-o o sr. José Maria Eugenio logo no primeiro anno da sua administração; o mais, porém, lá ficou.

As reparações que ultimamente se fizeram, embora se não possam pôr na mesma linha de conta, tambem nos parece que nada concorreram para o embelezamento do claustro, antes pelo contrario.

Consistiu essa reparação no complemento dos arcs das alas superiores, que nunca haviam sido concluidos, e na collocação de uns corucheus sobre a cimalha; porém, embora houvesse a intenção e o cuidado de imitar o mais possível o gosto geral da architectura, o confronto com todo o resto da construcção é flagrante, e nem podia deixar de o ser, porque o genio artistico que presidiu á feitura d'aquelles cinzelados admiraveis foi-se com a epocha em que floresceu!

Tão impossivel é imitar as bellezas d'aquelle grandioso monumento como inexequível seria renovar actualmente os factos assombrosos que elle representa!

Cada epocha tem o seu cunho próprio e especial que, como resultante de todas as circumstancias

que synthetisam essa epocha, fica gravado indelevelmente em suas obras; e assim como os factos historicos se não repetem, assim tambem essa feição caracteristica resta inimitavel através os seculos.

A esculptura que está sobre a porta, e a que nos iamós a referir, foi feita na mesma occasião, mas essa está muito abaixo de todo o resto da obra.

E um menoscabo de toda aquella fabrica, uma vergonha para os artistas que a fizeram, e um desacato, que é necessario fazer que desapareça d'ali quanto antes!

CESAR DA SILVA.

(Continúa)

## ASSUMPTOS VARIOS

No romance historico *O Prato de Arroz doce*, do elegantissimo escriptor Teixeira de Vasconcellos, lê-se:

«Eu não creio nos que se dizem verdadeiros liberaes. São os Dulcamaras da politica. O frasco do elixir que elles apregoam tem dentro a agua chilra da azeitona. A liberdade é a liberdade. Não ha liberdade verdadeira, porque não ha liberdade falsa. N'isso se parece com Deus. Falsos deuses tambem é expressão viciosa.

«O despotismo e a licença não são liberdade verdadeira, nem falsa. São a negação absoluta do principio livre. Partem do mesmo ponto, descrevem arcs iguaes como a circumferencia de um circulo, e vão reunir-se complacentemente com admiração dos tontos e justo desprezo dos menos lerdos.

«Por causa d'estas pequenas distincções, exaggeradas pelos parasitas da politica, se combateu entre irmãos em Portugal desde o outomno de 1846 até ao verão do anno seguinte. Nunca se víra resistencia tão affincadamente sustentada. Batia a junta com o pé no solo portuguez, e surgiam-lhe exercitos, esquadras, officiaes e dinheiro. Desappareciam? Das entranhas da terra brotavam outros.»

«Folgam as almas pequenas com as infellicidades alheias, e apraz-lhes rasgar e abrir de todo as feridas que nos outros fez a desventura. E sempre invejosa e perversa a inferioridade pretenciosa. Os maus são de sua natureza intolerantes.»

«São eminentes as mulheres na escolha de arbitrios em occasiões de crise. Onde o homem amontoa calculo sobre calculo e combinação sobre combinação, decidem ellas em um minuto, e quasi sempre efficaçamente, quer para o bem, quer para o mal, que em ambas as conjuncturas são insignes.»

«É similhante á planta mimosa a que faltaram os cuidados e a rega de todos os dias, a familia sem mãe. Vegeta, mas não floresce, dá fructo, porém de má qualidade e sem perfume. A chuva do céu sustenta-lhe a vida, mas não a melhora e satisfaz como a agua que, ao cair da tarde, lhe levava a desvelada mão do jardineiro.»

«Tem a gente do povo mais grosseiras paixões do que as classes superiores, pensamentos menos elevados e aspirações menos cavalheiras; mas é-lhes

inquestionavelmente superior na lealdade do coração. Póde matar um homem ou incendiar uma casa no furor de coleras insensatas, mas tem horror á espionagem, á perfidia e á delação.

«Duram no coração do povo os instinctos do bem. Entra n'elle para gerar o vicio e o crime a degeneração do que nós chamámos progresso e civilização. A civilização degenerada é a fructa podre do pomar social. Amarga, e quanto melhor foi, mais desagradavel é o travo com que molesta o paladar. Onde o povo for pessimo, é que degenerou do optimo que as classes superiores deviam ser, e que nem sempre são.»

«Amor sem estima não é amor, é vicio. Onde fallece o respeito e a consideração pela mulher, de-finha o affecto. A máguca que lhe sobrevive, exprime o pezar da má escolha, e não o sentimento de ter perdido quem não merecia os extremos da nossa ternura. Se a accusasse injustamente, teria ainda que reconhecer a verdade, e ficaria collocado perante ella na situação inferior e humilde a que levam erros taes com quebra da dignidade masculina, que a delicadeza innata do coração da mulher exige intacta como condição indispensavel da nobreza do affecto.

«Illude-se quasi toda a gente ácerca do amor. Cuidam que resiste á ingratição ou aos maus feitos de quem o inspirou. Enganam-se. Acaba o amor quando acabam as razões que lhe deram origem. Fallo do amor sentimental. Se ha outra paixão pouco nobre que lhe usurpa o nome, não trato d'ella. O amor vivifica como o calor faz á natureza. Não mata. Vive-se de amor, e morre-se de orgulho, de vaidade e de despeito.»

Para curar as doenças da alma, disse um profundo pensador, a intelligencia é impotente; a razão tem pouca força; o tempo tem muita; a resignação e a actividade são os remedios soberanos.—(*Hygiene da Alma.*)

A machina de vapor é um dom do céu, um instrumento de progresso legitimo, uma fonte de commodos e gozos para o genero humano, como o foram o arado, o navio, a imprensa para os homens que os viram nascer. A machina de vapor leva o agasalho, o conforto, a limpeza, a saude ás choupanas do povo, onde, sem ella, só habitaria por seculos a miseria extrema, com todas as suas dores e agonias. Não maldigamos os dons de Deus. O engrugar as lagrimas do pobre tem alta poesia.

Com a machina de vapor podem fazer-se tantas tolices e maldades como com a imprensa. E que prova isso?

O que mata a poesia é a morte moral das nações. O bello não póde existir sem o bom: nada mais diverso, e nada mais inseparavel.

A verdade poetica está na observação dos phenomenos da existencia, quer na ordem material, quer na espirital; e sem verdade não ha poesia. Porque é esta, em regra, nas epochas de decadencia, empolada em vez de elevada, arguta em vez de sentida?

É porque a sociedade não crê rectamente, nem sente sinceramente; é porque a gangrena dos animos se decompõe em duas especies de corrupção: a do entendimento, que, desatinado, verte entre as multidões o paradoxo e o sophisma; e a do coração, que, engelhado, mente friamente aos affectos mais santos e intimos<sup>1</sup>.

Um dos maiores empenhos, para bem se viver em qualquer sociedade, é proceder sem prevenção systematica nem ambição exclusiva. Convem, portanto, não nos desviarmos d'este caminho de accordo e confraternidade.

Trabalhar no bem entendido interesse das classes é edificar a grande obra da prosperidade universal.

<sup>1</sup> Extracto de uma carta de Alexandre Herculano em resposta a outra que lhe escreveu o insigne poeta, sr. Bulhão Pato. Precedem estas cartas a publicação da *Paqueta*, seis mimosos cantos, que se recommendam por ter — diz aquelle grande mestre — poesia, naturalidade e senso commum.

### PESCA E SALGA DO ARENQUE

Durante o reinado de Filippe o Bom, em que Bruges se tornou celebre por suas tapeçarias; em que 150:000 operarios trabalhavam nas fabricas de lã de Louvain; e tão nomeadas eram Bruxellas e Malines por suas bellas rendas; abriu-se para os industriosos belgas uma nova mina de riqueza e prosperidade, e ainda hoje é ella em grande parte a fortuna da Hollanda. A pesca e salga do arenque fez entrar centenas de milhões nos cofres dos Paizes Baixos, e tão productiva chegou a ser nos seculos xv e xvi, que n'ella se empregaram uns 3:000 navios e 300:000 braços. Serviu para formar intrepidos marinheiros, costumados a uma vida activa e laboriosa, a uma severa disciplina, e a uma grande economia. Tanta importancia ligam ainda hoje a esta pesca os holandezes, que antes de mandarem para ella as suas embarcações, imploram a protecção divina.

Estupendas riquezas ganharam tambem os flamengos com a pesca do arenque, e foi por isso que em 1347 erigiram um monumento á memoria de Beukels, que ensinou o modo de embarrical-os, monumento que visitou Carlos V com sua irmã, a rainha de Hungria, a fim de honrar a memoria de um simples pescador a quem se devêra o achado d'essa inextgotavel fonte de riqueza.

### FORÇA DO DESTINO

Sendo advertido Filippe, rei de Macedonia, pelo oraculo de Apollo, de que estava em perigo de ser morto por uma carreta, ordenou que se fizessem desaparecer todos os carros e carretas do seu reino. Devia, porém, cumprir-se o oraculo.

Morto por Pausanias, soube-se que estava esculpida uma carreta nos copos da sua espada.